

UM MURRO NO ESTOMÂGO

[O FILHO]

BRUNO SCHIAPPA



UM MURRO NO ESTÔMAGO [O FILHO]

AUTOR: Florian Zeller

VERSÃO: João Lourenço e Vera San Payo de Lemos

DRAMATURGIA: Vera San Payo de Lemos

ENCENAÇÃO E CENÁRIO: João Lourenço

FIGURINOS: Lia de Freitas

VÍDEO: João Lourenço, Nuno Neves

COREOGRAFIA: Cifrão

BANDA SONORA E CONCEÇÃO DE LUZ: João Lourenço

ELENCO: Cleia Almeida, Paulo Oom, Paulo Pires, Pedro Rovisco,
Sara Matos e Rui Pedro Silva

LOCAL E DATA DE ESTREIA: Novo Grupo/Teatro Aberto, Sala Azul, abril de 2024

BRUNO SCHIAPPA

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 3
NOVEMBRO DE 2024

Para além de todos os âmbitos da teatrologia, também enquanto espelho da sociedade o Teatro tem sido bastante estudado. Neste terceiro texto de uma trilogia anunciada, Florian Zeller aborda, sem comentar nem apresentar soluções, a situação da melancolia/depressão que se instala num jovem, cuja morbidez o impede de sentir prazer nas atividades, nos espaços e tempos que frequenta. Uma condição que atinge cada vez mais uma grande margem da população mundial ocidental, pelo menos. As sucessivas mudanças do *modus vivendi*, agravadas pelo facto de haver cada vez mais horas do dia em que a ausência dos pais é incontornável pelo número de horas gasto no trabalho e nos percursos casa-trabalho-casa, tornam essa realidade cada vez mais galopante nas camadas mais jovens.

Uma mãe, Ana (Cleia Almeida), começa a sentir medo do comportamento do filho, Nicolau (Rui Pedro Silva), devido à instabilidade que ele tem manifestado, inclusive na escola, e pede ajuda ao ex-marido e pai de Nicolau, Pedro (Paulo Pires). Pedro tem um novo relacionamento com Sofia (Sara Matos), com quem tem um filho recém-nascido. Estamos perante uma família de classe média alta.

Nicolau vai viver uma temporada em casa do pai e da nova companheira. Sofia começa a ter medo de deixar Nicolau sozinho com o bebé. Nicolau ouve-a a referir isso a Pedro. Ficamos a saber que já não tem namorada, mas fica a incógnita se terá sido ele ou ela a terminar a relação.

Um dia, Nicolau tenta suicidar-se, o que o sujeita a um internamento. Ao fim de uns dias, o médico (Paulo Oom) considera que o melhor é prolongar esse mesmo internamento até ficarem certos de que Nicolau melhorou, mas este último consegue regressar a casa, convencendo os pais de que está bem e prometendo que está consciente do que fez e que não irá repetir.

O FILHO, DE FLORIAN ZELLER, ENC. JOÃO LOURENÇO, NOVO GRUPO/TEATRO ABERTO, 2024
(SARA MATOS, PAULO PIRES E CLEIA ALMEIDA), [F] FILIPE FIGUEIREDO.



Durante um jantar, Nicolau fecha-se num quarto onde, anteriormente, tinha encontrado uma caçadeira que pertencera ao avô, e dispara sobre si, pondo fim à vida.

Os pais ficam em choque. Há de seguida um momento de onirismo, durante o qual Pedro recebe Nicolau, que lhe dá um exemplar do livro que publicou. Há uma conversa familiar agradável durante a qual Nicolau vai ver o irmão mais novo ao quarto. Já não regressa e a voz da esposa pergunta a Pedro com quem ele estava a falar, trazendo-o para a realidade da morte do filho.

Estamos perante uma tragédia dos nossos tempos, com a morte à espreita, o destino a cumprir-se e o coro – pais e médicos –, apercebendo-se, mas impotente para fazer o que quer que seja para alterar o inevitável.

A encenação de João Lourenço é muito acertada, reunindo um conjunto de elementos que se cruzam de modo orgânico: vídeo (muito importante para vermos os momentos melancólicos de Nicolau, da namorada e de amigos, quando este está fora de casa, e com uma captação de imagens brilhante), uma luminotecnia narrativa bem como um cenário que apenas aponta para o realismo, sem o impor ao espectador, e uma banda sonora muito certa e de excelente gosto.

Os atores conduzem o seu jogo de modo exímio, permitindo que a fábula se desenrole com o *suspense* que pede, com Rui Pedro Silva a deixar-nos cada vez mais temerosos por ele e aterrorizados com a possibilidade de acontecer o pior a ele/Nicolau, aos nossos, à nossa volta e a nós, ou seja, tal como na tragédia grega, também aqui o público teme e treme pelo jovem e por si.



O FILHO, DE FLORIAN ZELLER, ENC. JOÃO LOURENÇO, NOVO GRUPO/TEATRO ABERTO, 2024
(PAULO PIRES, PAULO OOM E CLEIA ALMEIDA), [F] FILIPE FIGUEIREDO.

Pode-se respirar, no texto de Florian Zeller e na versão de João Lourenço/Vera San Payo de Lemos, o ritmo da melancolia que vai tornando a vida do jovem e o texto cada vez mais sombrios e sufocados/sufocantes. Como um comboio que entra num túnel escuro de onde demora muito tempo a sair para a luz, provocando-nos uma sensação claustrofóbica.

O FILHO, DE FLORIAN ZELLER, ENC. JOÃO LOURENÇO, NOVO GRUPO/TEATRO ABERTO, 2024
(PEDRO ROVISCO E RUI PEDRO SILVA), [F] FILIPE FIGUEIREDO.





O FILHO, DE FLORIAN ZELLER, ENC. JOÃO LOURENÇO, NOVO GRUPO/TEATRO ABERTO, 2024
(RUI PEDRO SILVA, PAULO PIRES E CLEIA ALMEIDA), [F] FILIPE FIGUEIREDO.

Perguntamo-nos: qual será a linha mais ténue que separa a vontade de ajudar e a vontade de não ser ajudado?

Será aí que devemos traçar o caminho para a cura? Encontrar o que leva à incapacidade de ser ajudado? Será que há consciência, por parte de quem padece desta doença, de que se está a tentar ajudar? E será que se está a ajudar com um tratamento geral em vez de particular? Não será cada caso um caso? A ciência não deixou de partir do particular para o geral para tornar a equação particular/geral/particular?

São estas questões que ficam sobre a mesa quando nos colocamos a analisar *O filho*.

O programa, organizado e editado por Vera San Payo de Lemos, falta informação que é incontornável para leituras de textos que muito elucidam sobre a questão apresentada/representada. Reúne textos da própria Vera San Payo de Lemos (*Um mal vindo de longe* e a *Biografia* de Zeller e duas entrevistas onde Vera San Payo de Lemos se debruça sobre as questões da trilogia e da *Incapacidade do amor* e ainda *O filho visto pelo pai*), de Helen Prigent (*Melancolia: as metamorfoses da depressão*, onde traça uma breve história da melancolia e o seu significado), de Freud (*Luto e melancolia*, excerto), do autor, de Joke J. Hermsen (*Melancolia em tempos de perturbação*), de Nazaré Santos e Ema Lima das Neves, psiquiatra e psicóloga, respetivamente (*Adolescência e comportamentos suicidários*), de Daniel Sampaio, psiquiatra (*Ninguém morre sozinho*), de Viktor E. Frankle, neuropsiquiatra (*O Homem em busca de um sentido*), e um conto dos irmãos Jakob e Wilhelm Grimm (*A mortalhazinha*).

Todo este conjunto de autores, articulados sobre o tema, juntamente com o texto, a encenação e os atores fazem desta produção um “quadriptico” muito importante sobre *o mal do século*. No entanto, parece estar ainda longe o modo eficaz de identificar a cura.

O filho, no Teatro Aberto, fica perpetuado como um espetáculo que, pela sua dimensão sociopsicológica, mas sobretudo pela sua dimensão humana, resulta como “um murro no estômago”, cujo efeito permanece de modo indelevelmente inquietante.

+++

